



# O Japão no século XXI

## Reflexões sobre a reconstrução econômica e a solidificação de sua política externa

Aqueles que acompanharam atentamente o rumo da economia mundial nos últimos cinquenta anos provavelmente criaram uma imagem confusa do que é o império japonês. O Japão passou de derrotado de guerra dos anos 40-50 para a grande promessa econômica na década de 60, chegando a potência econômica entre 1970 e 1980. Os últimos dez anos do século XX foram marcados pelo declínio dos nipônicos, cuja nação apresentou taxas de crescimento perto do zero – ou mesmo negativas, no período de 1998-2002.

Novo século, novas esperanças para o Japão. Junichiro Koizumi, primeiro-ministro eleito em 2001, deu novos ares para a política japonesa, prometendo reformas profundas na moribunda economia japonesa, além da abolição de facções conservadoras de seu partido (o Partido Liberal Democrata - PLD), contrárias a reformas substanciais no seio da sociedade nipônica. Apesar de sua popularidade manter-se inabalável no plano doméstico, o ministro ainda não conseguiu se livrar da ala do partido que há décadas conserva-se no poder, e somente em 2003 a frágil economia voltou a dar sinais de recuperação.

A intenção de tal artigo é analisar, sumariamente, como foram os primeiros anos do século XXI para o quadro político-econômico japonês, traçando um paralelo entre o panorama contemporâneo e os anos do milagre nipônico, que culminou com o estouro da bolha econômica nacional em meados da década de 80. Foram escolhidos, mais adiante, dois atores relevantes para a compreensão da política externa japonesa neste novo século – EUA e China –, procurando-se compreender a relação atual e futura entre o Japão e tais atores. Finalmente, tenta-se vislumbrar uma

saída para o Japão, no sentido de restabelecer a solidez e retomar os trilhos da – ainda – segunda maior economia do mundo.

### Da derrota à conquista: os anos de prosperidade econômica

*"2003 foi um ano de boas notícias para o Japão. A economia nipônica deu, finalmente, sinais de revitalização frente à crise que assola o país há mais de dez anos, em decorrência da melhoria de indicadores básicos como produção industrial e exportações."*

Na primeira década após o fim da II Grande Guerra, o Japão encontrava-se humilhado e seus produtos não possuíam valor significativo no mercado global. Aquela nação foi, inclusive, pivô do que Gilpin tomou como o maior conflito de interesses do governo norte-americano durante as décadas de 1950 e 1960<sup>46</sup>. Os Estados Unidos promoveram auxílio econômico intenso ao governo japonês, importando produtos nipônicos e tolerando que seus próprios investimentos fossem excluídos do Japão, enquanto tentava realizar a expansão transnacional das firmas comerciais estadunidenses a todo custo. Tal contexto proporcionou à nação japonesa um rápido salto da mediocridade do pós-guerra à bonança das décadas subsequentes, em concomitância com a filosofia da administração participativa, que proporcionou impressionantes ganhos de produtividade com o passar dos anos.

Os anos 60 já foram marcados, para o Japão, por recordes de crescimento econômico. A média registrada em toda a década foi de impressionantes 10,4%<sup>47</sup> anuais, inaugurando o

<sup>46</sup> GILPIN apud ARRIGHI, Giovanni. *O Longo Século XX*. pp. 316-7.

<sup>47</sup> Dados retirados de RODRÍGUES, Carlos Aquino. "La economía japonesa en crisis y posibilidades de su recuperación". Disponível em [http://www.geocities.com/Eureka/Plaza/1406/artc/econjap\\_recup.html](http://www.geocities.com/Eureka/Plaza/1406/artc/econjap_recup.html).

período do chamado “milagre japonês”. Na década de 70, apesar dos choques do petróleo de 73 e 79, o Japão apresentou crescimento médio anual de 5,2%, valor acima de vários outros países de economia consolidada. Os produtos japoneses, apresentando qualidade e preço cada vez mais competitivos, entravam maciçamente na Europa e nos Estados Unidos, mostrando que “Made in Japan” deixara de ser sinônimo de produtos mal-acabados ou de pior qualidade. Consolidava-se, assim, a segunda maior economia global.

Simultaneamente à crescente dificuldade do Ocidente em competir com os produtos japoneses, houve, dentro do Japão, um aumento considerável nos preços das ações de empresas nacionais e no valor da terra. Entre 1985 e 1990, a média do valor das ações na Bolsa de Tóquio triplicou, movimento semelhante ao do preço dos terrenos. O iene, cuja taxa de conversão em 1985 era de 238 ienes/dólar, atingiu uma média de 128 ienes/dólar em 1988. Esse processo de inflação, crescimento dos ativos financeiros e de supervalorização da moeda ficou conhecido como a “bolha econômica” japonesa.

Diversos fatores, entre eles o desejo de diversos países de reduzir o enorme superávit comercial que o Japão estabeleceu ao redor do mundo, culminaram no estouro da bolha econômica nos primeiros anos da década de 90. O iene continuou a ser supervalorizado, atingindo uma valorização real de 48% entre 1990 e 1995, conforme cálculos do FMI. O resultado natural foi a desaceleração da economia japonesa e um processo de deflação sem precedentes no Japão do pós-guerra. Os últimos anos da década de 1990 apresentaram crescimento negativo, assim como os dois primeiros anos do novo século.

E é um Japão em crise e vítima de uma década de pessimismo que é colocado frente a frente com uma nova configuração de poder, em que os Estados Unidos gozam o que Michael Mastanduno chama de “momento unipolar”, a União Européia se esforça na direção de uma economia forte e unificada e a China ressurge com grande dinamismo.

### **Japão e os EUA: que tipo de relação é essa?**

De grandes amigos a maiores competidores, a relação entre as duas maiores economias globais atingiu o ápice da tensão comercial em meados da década de 1980, quando os japoneses deram sinais ao mundo de que estariam dispostos a “comprar tudo”<sup>48</sup>. Em 1989, os Estados Unidos passaram pelo desconforto de vender 80% das ações do Rockefeller Center, um dos maiores símbolos da prosperidade

<sup>48</sup> FURUGUEM, Alberto. “Japão: crise e recuperação”. Disponível em <http://www.ipcdigital.com/portugues/opiniaio/628/>

americana, para uma companhia japonesa – a Mitsubishi Estate – por nada menos que US\$ 1,4 bilhão.

A década de 90 marcou o declínio da economia japonesa e, ao mesmo tempo, o gradual relaxamento das tensões econômicas entre as duas potências. O século XXI inaugurou, na relação entre Estados Unidos e Japão, a possibilidade do estabelecimento de coordenação de políticas (*policy coordination*), notadamente na área de segurança.

Vale notar que tal coordenação não implica dependência nem decisões sempre uníssonas. O próprio governo japonês reconhece que “*é impossível que a relação Japão-EUA torne-se semelhante àquela entre EUA e Reino Unido. Mesmo possuindo objetivos comuns aos Estados Unidos, o Japão deve estabelecer seu próprio eixo de coordenadas e engajar-se em uma diplomacia complementar à norte-americana*”<sup>49</sup> (grifo meu).

### **Japão e China: coexistência sim, mas com ou sem atrito?**

É provável que a relação sino-japonesa seja a mais importante para a política externa do Japão nesse novo século. A China, vizinho gigante e adversário histórico, é um dos maiores candidatos a “potência” para as décadas seguintes, apresentando níveis de crescimento econômico impressionantes, ainda mais quando falamos de uma nação de sistema político socialista.

O desenvolvimento econômico chinês é diretamente responsável pela necessidade de se articular uma nova visão econômica, dentro do Japão, sob este novo paradigma asiático. No documento “Basic Strategies For Japan’s Foreign Policy in the 21<sup>st</sup> Century – New Era, New Vision, New Diplomacy”, são apresentadas algumas saídas econômicas para o Japão poder estabelecer uma competição nivelada com a China<sup>50</sup>. Entre elas, há a tão falada reforma da estrutura econômica, tanto ao promover o avanço da ciência e tecnologia – como, de certa forma, já vem sendo feito –, melhorar as instalações educacionais, expandir programas de intercâmbio cultural com a finalidade de atrair investimento internacional direto em áreas de grande valor agregado, como indústrias de tecnologia avançada, quanto ao implementar reformas no setor primário, como o da agricultura doméstica. Conclui-se, no documento, que “(t)he

<sup>49</sup> “Basic Strategies For Japan’s Foreign Policy in the 21<sup>st</sup> Century – New Era, New Vision, New Diplomacy”, documento de 28 de novembro de 2002, disponível em [http://www.kantei.go.jp/foreign/policy/2002/1128tf\\_e.html](http://www.kantei.go.jp/foreign/policy/2002/1128tf_e.html).

<sup>50</sup> Ibid.

only solution (...) is Japan itself becoming an attractive"<sup>51</sup>, e há uma grande tarefa pela frente.

Além das discordâncias históricas e dos embates econômicos entre os dois gigantes asiáticos, um fator a ser considerado na relação entre Japão e China são os laços entre o primeiro e Taiwan. Muito da prosperidade econômica taiwanesa deve-se aos investimentos japoneses de décadas anteriores e do desejo comum da abertura de um sistema de livre comércio na região da Ásia-Pacífico. Apesar de o Japão reconhecer Beijing como o único governo chinês desde 1972, as relações econômicas entre japoneses e a ilha "rebelde" ainda é um fator de atrito. A necessidade de se aproximar cada vez mais da China pode, dessa forma, causar mudanças consideráveis no relacionamento entre Japão e Taiwan.

O aspecto militar também deve ser levado em consideração. A estrutura e o contingente militar chineses, segundo o referido documento, podem apresentar-se como uma séria ameaça ao Japão e aos demais países asiáticos. Caberia ao Japão, dessa forma, dentro de sua política externa direcionada ao seu vizinho, cobrar da China transparência no que diz respeito aos movimentos militares e aos crescentes investimentos no setor.

### **Um novo século: chance de restabelecer a grandeza econômica do terceiro quartel do século XX?**

2003 foi um ano de boas notícias para o Japão. A economia nipônica deu, finalmente, sinais de revitalização frente à crise que assola o país há mais de dez anos, em decorrência da melhoria de indicadores básicos como produção industrial e exportações.

Os principais nomes do setor bancário japonês registraram lucros líquidos no decorrer da primeira metade do ano fiscal, isto é, até setembro de 2003, e o setor de exportações colocou-se como a causa mais visível da recuperação japonesa. No ano passado, três gigantes do setor automobilístico – Toyota, Nissan e Honda – conquistaram resultados recordes, com a última alcançando o patamar de dez milhões de carros produzidos nos Estados Unidos<sup>52</sup>. Além disso, o Japão beneficia-se da estabilidade do iene e de sua desvalorização frente ao dólar, quadro contrário ao do início da década de 1990.

Ainda não se justifica, entretanto, qualquer sinal de euforia. Nos dois primeiros anos do século

<sup>51</sup> Ibid.

<sup>52</sup> "Economia japonesa em 2003 encontrou o caminho da recuperação". Disponível em <http://ultimosegundo.ig.com.br/useg/economia/artigo/0,,1447992,00.html>

XXI, a economia japonesa apresentou crescimento negativo, seguindo uma tendência do final dos anos 90. Será que neste mar de incertezas que ainda assola a sociedade japonesa, há alguma possibilidade, alguma "fórmula mágica" capaz de restabelecer a grandeza econômica do terceiro quartel do século XX?

Podemos atribuir o "milagre japonês" dos anos 60-70, essencialmente, ao contexto externo em que ele foi gerado. Não somente houve uma série de concessões por parte do governo e de empresas norte-americanas, em prol de uma estratégia de reconstrução, como praticamente toda a Europa, cujos países centrais poderiam se colocar como os únicos adversários comerciais diretos, estava também debilitada nos primeiros anos que sucederam a guerra. Somados a uma cultura de administração participativa de resultados jamais vistos na Europa ou nos EUA da época, tem-se a dosagem ideal para se atingir a vitalidade econômica apresentada pelo Japão na segunda metade do século passado.

A realidade deste início de século é notadamente discrepante daquela vista após a Segunda Guerra. Hoje, a economia dos Estados Unidos ainda reina soberana, mas sem desejo algum de concessões contraditórias como visto há cinquenta anos. A Europa, com França e Alemanha revitalizadas, é uma economia em plena ascensão, assim como a China, cujo sistema econômico misto tem apresentado resultados significativos.

Para restabelecer indicadores positivos e reestruturar a economia nacional, cabe ao Japão tratar os sintomas da crise, ao invés de tentar simplesmente estancar as calamidades de forma paliativa, como foi feito ao longo dos anos 90. O documento que traça algumas estratégias para o Japão no século XXI, já tratado neste artigo, coloca como essencial a capacidade de adaptação às novas tendências econômicas, levando em consideração os novos papéis atribuídos à China ou à União Européia. Estratégias de política externa de longo prazo são igualmente imprescindíveis.

Um artigo econômico divulgado pela embaixada japonesa no Brasil coloca a cultura japonesa como fator que dificulta as reformas radicais pretendidas para a revitalização da economia: "A sociedade japonesa é formada por um povo que procura evitar atritos sociais repentinos e violentos, e, por este motivo, tende a adiar a solução dos problemas. Mas o avanço da globalização da economia não permite que haja esta demora"<sup>53</sup>. O artigo prega, também, a necessidade da construção de um novo sistema sócio-econômico, diferente

<sup>53</sup> "Economia". Disponível em <http://www.rio.br.emb-japan.go.jp/portuguese/noticias/julho/not2jul99.htm>.

daquele estabelecido durante o período do “boom” japonês, que incluía emprego vitalício, posse mútua das ações entre as empresas, entre outras características.

Já Alberto Furuguem argumenta que a recuperação da economia japonesa é uma meta que deve fazer parte da coordenação dentro do G-7, a partir de uma posição cooperativa, uma vez que *“uma economia de US\$ 5 trilhões não pode quebrar, já que afetaria dramaticamente outros grandes atores do cenário econômico internacional”*<sup>54</sup>.

O denominador comum entre as diversas opiniões quanto à retomada do crescimento japonês é a de que os sintomas da crise devem ser tratados, acima de tudo. O primeiro-ministro Koizumi, desde sua eleição em 2001, promete promover reformas estruturais significativas; apesar de não ter conseguido nenhum resultado concreto nesse sentido até então, a economia – e a política, por que não? – japonesa já mostra sinais de que está voltando para os trilhos. Mesmo não sendo motivo para euforia demasiada, uma lição podemos tirar dos primeiros passos que estão sendo dados no sentido da mudança: a segunda maior economia do mundo tem solução – e tem condições de manter sua invejável posição.

---

<sup>54</sup> FURUGUEM, Alberto. “Japão: crise e recuperação”. Disponível em <http://www.ipcdigital.com/portugues/opiniaio/628/>.